

Samuel

Além do Horizonte

Samuel

5 ABR 1986

A fala do Presidente José Sarney à Nação representa um marco significativo de conquistas realizadas: desde a inflação negativa, que há muito não se via neste país, até a restauração da confiança popular, todos os sinais são positivos.

Como todo marco importante na vida nacional, contudo, ele deixa aberta a linha do horizonte para explorações e indagações sobre o ideal e o possível. Como o futuro se constrói com o passado e o presente, é preciso verificar, então, quais as nossas fundações. É preciso verificar onde estamos com o pé firme, onde há apenas areia e, para não pecarmos pelo otimismo, onde há lamaçais.

Pela frente, para que a economia seja desengessada com propriedades, há vários desafios. Não poderemos passar para patamares superiores de eficiência sem uma reforma administrativa, capaz de sacudir a velha e emperrada máquina estatal; não caminharemos na área financeira com plena eficiência sem uma reforma bancária que questione sobretudo os bancos estaduais; não poderemos continuar com um acervo de empresas inúteis, ou de baixa produtividade, dependendo do apadriñamento do Estado; nem podemos sonhar com uma situação internacional estável: a crise da Líbia que o diga.

Cada um desses desafios implicará vasta mobilização da opinião pública e de recursos humanos dentro do Governo, capazes de vencer resistências. Veja-se, apenas a título de exemplo, o trabalho da Secretaria de Controle das Estatais. Em declarações recentes o titular da SEST deixou bem claro como é difícil mexer em verdadeiras casas de marimbondos, pelo acúmulo de privilégios que se criou com o tempo, pela fartura com que se distribuíram empregos e pela ânsia com que se defendeu a continuidade de empresas inúteis, ou cujo tempo da vida deveria ter sido definido para acabar depois de cumpridas as suas missões.

Para que a SEST avance seus objetivos não basta articular um bom esquema contábil de saneamento financeiro de empresas no vermelho, ou que se equilibravam graças ao **open** dentro da contabilidade estatal, com brutais distorções e anomalias. É preciso que portas

sejam fechadas e os preços a pagar sejam os mesmos que o Estado exige da iniciativa privada na hora do aperto dos cintos. Lançar ações estatais no mercado somente para lhes proporcionar desaforo financeiro não levará a nada, senão a engordar os paquidermes. E se os nossos problemas são de escassez de capital, por que não convidar investimentos estrangeiros seguindo o exemplo até mesmo de nações socialistas européias que — como a Espanha — souberam vencer preconceitos ideológicos para viabilizar seu convívio no mercado comum europeu?

Na linha do horizonte encontram-se problemas que cedo ou tarde significam mais pressões, e renovadas pressões, sobre a caixa do tesouro. De superavitária a caixa já passou a deficitária, apesar de todos os aumentos na carga tributária. O que virá depois se as fontes de gastos da União e dos Estados não forem cortadas agora? Mais pressões sobre os contribuintes? Os bancos estaduais aí estão, também, cada um deles com uma peculiaridade, mas todos dispostos a transferir compromissos regionais para os cofres federais. Que sentido faz um Estado pobre ter várias diretorias, várias folhas de pagamento e vários déficits?

A reforma bancária deverá passar por uma importante reavaliação das funções dos bancos estaduais. Não é possível continuar convivendo com máquinas paquidêrmicas na estrutura estatal, enquanto se cobra o enxugamento do sistema bancário privado.

O Governo precisa também estar prevenido para a situação internacional volátil. Temos o dever de construir defesas e anticorpos, em áreas tão sensíveis quanto as da energia, para a eventualidade de crises que empurrem para cima os preços do petróleo, da noite para o dia.

Não dá, simplesmente, para gastar por conta. O otimismo somente se sustentará se as nossas fundações, baseadas na confiança que o Presidente José Sarney restaurou em nosso destino como Nação, atacar todas as frentes arquivadas e esquecidas temporariamente, enquanto comemoramos a deflação. Atacá-las significa a diferença entre alicerces sólidos ou base de areia.